



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE



IV Simpósio de
Pós-Graduação
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR

TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



TRANSCENDENDO FRONTEIRAS: OS GUARANI NAS FONTES ETNO-HISTÓRICAS ESPANHOLAS (Século XVI)

Lucía Tatiana Rombolá

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq
luciatrombola@gmail.com

Mirian Carbonera

Professora do Departamento de Ciencias Ambientais da Unochapecó e Coordenadora do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM)
mirianc@unochapeco.edu.br

Daniel Loponte

Pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina
dashtown@gmail.com

1. Introdução

Os povos Guarani são grupos Tupi que se originaram há cerca de 2.500 anos AP no sudeste da floresta amazônica e conseguiram expandir-se para o sul por meio dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná, chegando a ocupar uma ampla porção do sudeste da América do Sul: o leste da Bolívia, o Paraguai, o nordeste da Argentina, o Sul do Brasil e o oeste do Uruguai (O'Hagan et al., 2019; Loponte et al. 2024). A sua cultura material é reconhecida por apresentar um estilo tecnológico relativamente homogêneo, com pouca variabilidade espacial e temporal (Noelli et al., 2022; Loponte; Acosta, 2013). No entanto, suas práticas de subsistência e a relação com o meio ambiente revelam uma flexibilidade, uma vez que conseguiram sair de um ecossistema florestal e adaptar-se a uma ampla gama de contextos sociais e ambientais ao longo do tempo e do espaço (Noelli et al., 2022). Por isso, torna-se necessário compreender tanto suas adaptações locais quanto as dinâmicas mais amplas que marcaram sua presença em toda a extensão territorial ocupada (Noelli et al., 2022).

A chegada dos europeus ao continente americano foi outro evento que provocou transformações em suas práticas e em suas relações com outras sociedades. Além disso, esse contato nos legou informações escritas que relatam as características do continente americano, seus habitantes e o processo de conquista.



Conhecer os Guarani a partir dessas fontes nos obriga a refletir para além das fronteiras que hoje separam os países da América do Sul. Da mesma forma, no século XVI, os europeus ainda estavam em processo de exploração do continente e, em seus relatos, faziam referência a espaços que hoje se encontram divididos entre diferentes Estados-nação. No caso do sul do Brasil, por exemplo, antes de ser definitivamente reclamado por Portugal, foi ocupado por espanhóis (Schmidl, 1948; Hernández, 1554). Portanto, o objetivo deste trabalho é reconhecer as características das populações Guarani, sua relação com o meio ambiente, com os outros grupos indígenas e europeus, problematizando-as como vestígios de fronteiras espaciais e culturais a partir dos documentos de viagem dos espanhóis do século XVI.

2. Metodologia

As fontes do século XVI que analisaremos são os relatos de viagem de Ulrich Schmidl, publicados em 1567 sob o título *Viagem ao Rio da Prata (1534-1554)*, e a obra de Pedro Hernández, publicada em 1554 em nome do líder da expedição, Álvar Núñez Cabeza de Vaca, intitulada *Comentários: Cabeza de Vaca, adelantado e governador do Rio da Prata*. A escolha dessas fontes se deve ao fato de serem os registros escritos mais antigos do sudeste da América do Sul que fazem menção direta aos Guarani. Adotamos uma perspectiva da etno-história com o objetivo de realizar uma análise crítica que incorpore a “questão antropológica” porque os textos foram escritos por representantes de grupos dominantes e suas descrições do meio ambiente e dos povos indígenas são eurocêntricas (Lorandi; del Río, 1992; Prado, 2012).

Para compreender a relação dos povos Guarani com o seu ambiente, bem como os contrastes com a visão europeia, adotamos os referenciais teóricos da História Ambiental. Utilizaremos os três eixos de análise propostos por Worster (2003): natureza, modos de produção e mapas cognitivos ou percepções da natureza; em diálogo com os aportes teóricos da fenomenologia da paisagem, a fim de compreender como indivíduos e grupos percebem, experienciam, significam e sentem os espaços que habitam (Rahmeier, 2014). Por outro lado, para refletir sobre as relações dos Guarani com outros grupos indígenas ou europeus, trabalhamos com o conceito de fronteira como territórios em disputa, marcados por rivalidades e alianças, mas também num sentido identitário



(Comissoli, 2021). Os eixos de análise serão as fronteiras espaciais e culturais, que podem manifestar-se internamente a cada grupo, entre diferentes grupos sociais, ou nas distinções entre o que é considerado humano e não humano (Rombolá; Carbonera, 2024).

3. Resultados e discussão

No que se refere à questão ambiental, e com base nas categorias propostas por Worster (2003), identificamos nas fontes históricas referências ao eixo da natureza, como a menção a ambientes de floresta, pinhais, rios, e diversas espécies animais e vegetais. Em relação aos modos de produção as descrições sobre os Guarani incluem as práticas de caça, pesca, coleta e agricultura com técnicas como corte e queima. No entanto, os europeus interpretam essas práticas a partir de uma visão extrativista, o que limita sua compreensão das relações indígenas com o ambiente. Eles viam o ambiente como hostil e desconhecido, ou o descreveram de forma utilitária destacando a fertilidade do solo e o potencial para exploração de prata, madeira e alimentos, além de interpretarem as paisagens locais por meio de comparações com o continente europeu. Pelo contrário, os Guarani demonstravam uma ontologia relacional, convivendo com diversas espécies de forma não utilitária (Hernández, 1554; Viveiros de Castro, 1998), revelando visões distintas sobre a humanidade, a natureza e o lugar de cada ser no mundo.

Também analisamos os diferentes tipos de fronteiras que se configuraram no século XVI com a chegada dos europeus ao continente americano. No caso das fronteiras espaciais, os Guarani são descritos nas fontes como uma sociedade que migrava mais que qualquer outra nação na região do Rio da Prata (Schmidl, 1948) e sua noção de território era incompatível com a lógica europeia de ocupação fixa e produtiva baseada na agricultura intensiva (Herzog, 2015). Além disso, os espanhóis intervieram nas disputas pelas terras entre os próprios grupos indígenas (Hernández, 1554) e, ao mesmo tempo, enfrentavam disputas com outros impérios europeus por essas mesmas terras (Herzog, 2015).

Em relação às fronteiras culturais, podemos distinguir entre aquelas internas aos grupos, externas aos grupos e as que separam cultura e natureza. As fronteiras internas incluem, por exemplo, distinções de gênero que estruturam hierarquias sociais baseadas em construções culturais historicamente performadas (Scott, 1995), como se observa nas funções diferenciadas atribuídas a homens e mulheres e atividades produtivas ou rituais



entre os Guarani, assim como na subordinação feminina na oferenda de mulheres Guarani aos europeus (Hernández, 1554; Schmidl, 1948). Também havia fronteiras entre europeus religiosos e não religiosos, marcadas por tensões entre os objetivos de evangelização e interesses econômicos ou políticos (Herzog, 2015). As fronteiras externas se manifestam entre grupos étnicos e se expressam como construções identitárias que distinguem o "nós" do "outro" (Barth, 1976). No caso dos espanhóis e Guarani, essa fronteira muda ao longo do tempo, com um primeiro momento de guerra e logo uma aliança que permitiu aos Guarani se posicionarem politicamente frente a outros grupos indígenas (Hernández, 1554; Schmidl, 1948). Por fim, a fronteira entre humanos e não humanos, sustentada por visões evolucionistas e colonialistas, aparece na linguagem que exclui os indígenas da categoria de “gente” e os aproxima a natureza (Hernández, 1554; Lugones, 2014).

4. Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos as informações disponíveis sobre os Guarani no século XVI a partir de relatos de viajantes espanhóis. Identificamos fronteiras espaciais e culturais, internas aos grupos, entre os grupos e entre o que se entende como pertencente à cultura ou à natureza, onde se percebem diferenças entre espanhóis e Guarani, sendo colocados mais perto da natureza que os europeus, ou nas formas de olhar ou trabalhar a natureza. Além disso, no projeto buscamos transcender as fronteiras nacionais da América do Sul, entendendo que os Guarani ocupavam territórios que iam além dessas divisões.

Referências

BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras.** v. 197, n. 6. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

COMISSOLI, Anderson. Reflexões em torno de fronteiras e alteridades voltadas à investigação em história. In: SCHMITT, Ângela Maria; WINTER, Marco Dias (Org.). **Fronteiras na história: atores sociais e historicidade na construção do Brasil meridional (Séculos XVIII-XX).** Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2021.

HERNÁNDEZ, Pedro. **Comentarios: Cabeza de Vaca, adelantado y gobernador del Río de la Plata.** [s.l.], 1554.

HERZOG, Tamar. **Frontiers of possession: Spain and Portugal in Europe and the Americas.** Cambridge: Harvard University Press, 2015.



LOPONTE, D. M.; ACOSTA, A. A. La construcción de la unidad arqueológica guaraní en el extremo meridional de su distribución. **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, Series Especiales**, v. 1, n. 4, p. 193-235, 2013.

LOPONTE, D. M.; CARBONERA, M.; RADAESKI, J. The Guaraní expansion in the Upper Uruguay River: Chronology, colonization strategies, social impacts and environmental changes. **Journal of Archaeological Science: Reports**, v. 60, p. 104826, 2024.

LORANDI, A. M.; RÍO, M. D. **La etnohistoria: etnogénesis y transformaciones sociales andinas**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. Ñande reko: the fundamentals of Guaraní traditional environmental knowledge in southern Brazil. **Vegetation History and Archaeobotany**, v. 31, n. 2, p. 187-203, 2022.

O'HAGAN, Zachary. The origin of purpose clause markers in Proto-Omagua Kukama. **Journal of Historical Linguistics**, v. 9, n. 2, p. 282-312, 2019.

PRADO, F. The fringes of empires: recent scholarship on colonial frontiers and borderlands in Latin America. **History Compass**, v. 10, n. 4, p. 318-333, 2012.

RAHMEIER, C. S. Paisagem, Sentidos e Identidades no Contexto Estancieiro Gaúcho: Uma Abordagem Fenomenológica. **Vestígios**, v. 8, n. 1, 2014.

ROMBOLÁ, L. T.; CARBONERA, Mirian. Uma primeira aproximação às fronteiras espaciais e culturais no sul da América Portuguesa e Espanhola a partir da chegada dos europeus (Séc. XVI). **Anais História em Debate: Seminário Internacional Naturezas e Fronteiras e Seminário de Pesquisas do PPGH/UFFS**, v. 6 n. 1, 2024.

SCHMIDL, Ulrico. **Crónica del viaje a las regiones del Plata, Paraguay y Brasil**. Buenos Aires: Editorial Peuser, 1948.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 4, n. 3, p. 469–488, 1998.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, p. 23-44, 2003.